INSUMOS

Vendas menores

O desempenho do mercado de insumos, em 1995, reflete a crise da renda agrícola e aumenta as incertezas que cercam a próxima safra.

Os dados relativos às vendas dos principais insumos utilizados pela agricultura brasileira no período janeiro-setembro mostram evidente redução relativamente àqueles observados no ano passado. As entregas de fertilizante caíram 5%, as vendas de máquinas agrícolas automotrizes, 46%. Apenas as vendas de agroquímicos aumentaram cerca de 7%, mas neste caso as informações se referem ao valor das vendas, de modo que os dados terão de ser qualificados com cuidado.

As causas da retração observada nas aquisições de fertilizantes e máquinas são por demais conhecidas: baixos preços na comercialização da safra e dificuldades na obtenção de financiamentos. As medidas de apoio à nova safra não foram suficientes para reverter as expectativas do agricultor.

Com relação à disponibilidade de crédito para o financiamento da safra, é importante observar que, embora ainda haja dificuldades quanto à implementação de novas fontes de recursos, os maiores obstáculos são de outra ordem. De um lado, os agricultores evitam se comprometer com encargos financeiros que ainda consideram elevados. De outro lado, os bancos têm-se mostrado muito cautelosos na concessão de financiamentos, aumentando o rigor dos levantamentos cadastrais. É verdade que a proposta de securitização das dívidas deverá ser um fator positivo para amenizar o quadro. Seu anúncio tardio, entretanto, e a necessidade de sua tramitação no Congresso não permitem prever resultados a curto prazo.

A compra de insumos é um indicador importante das intenções de plantio de uma nova safra e de seu volume: a quantidade de fertilizantes adquiridos é importante índice do nível tecnológico da atividade e, portanto, garantia de que as lavouras estarão menos dependentes dos fatores naturais para atingir níveis adequados de rendimento agrícola. A aquisição de máquinas aponta a tendência de expansão da área plantada. Dadas as dificuldades de se ter um quadro geral do plantio num país de ampla extensão territorial e variadas condições ecológicas, as compras de insumo auxiliam a detectar as perspectivas da atividade agrícola às vésperas de uma nova safra. É óbvio que, mesmo assim, os resultados da colheita futura ainda dependerão de inúmeros outros fatores.

Numa situação de preços em declínio, os agricultores podem optar por aumentar a área plantada, na tentativa de manter a renda pelo aumento da quantidade produzida, mas a menor aquisição de insumos, objetivando reduzir custos, aumenta a incerteza quanto aos resultados que serão obtidos. Há ainda a considerar que o efeito residual da adubação efetuada em anos anteriores poderá favorecer o rendimento médio das lavouras e compensar a baixa tecnologia empregada na safra. O clima é outro fator de destaque. Os próximos meses, portanto, serão um período de intensas expectativas.

A seguir, serão feitos alguns comentários quanto aos principais mercados de insumos.

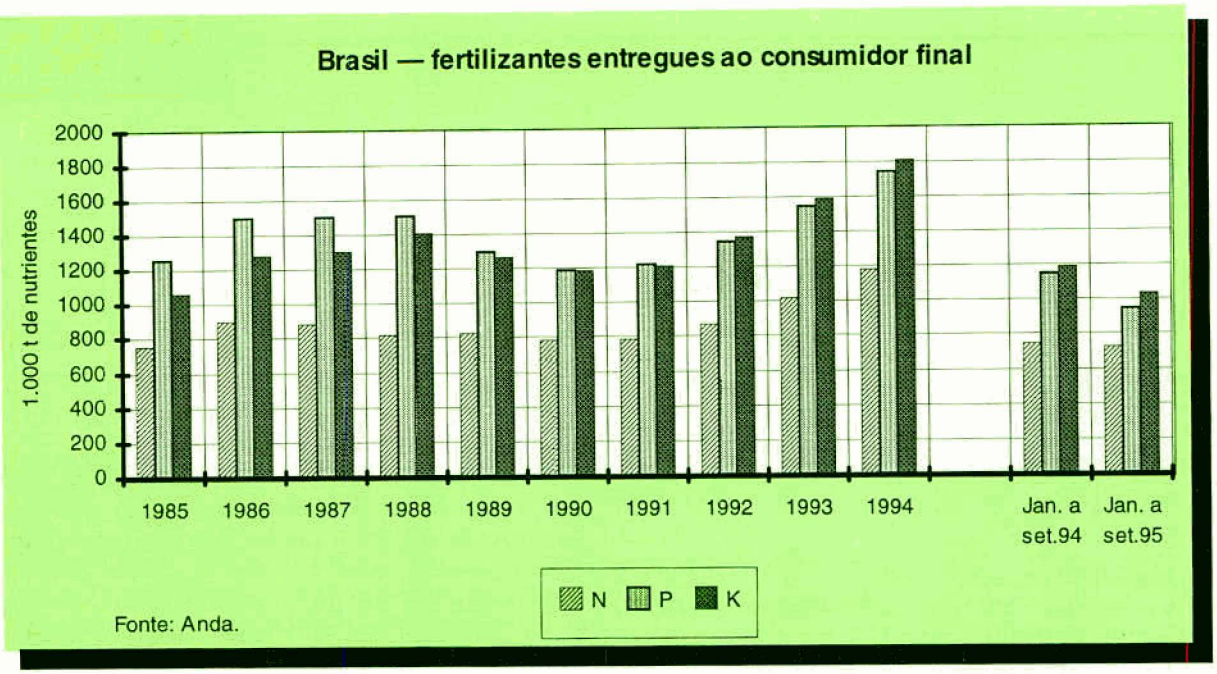
Brasil — vendas de insumos no mercado interno

Insumos	Janeiro-setembro 1994	1995
Fertilizantes (em t de nutrientes)		
N	741.690	722.344
P	1.149.011	943.629
K	1.186.292	1.031.014
Total	3.076.993	2.696.987
Máquinas agrícolas (em unidades)		
Cultivadores motorizados	859	1.050
Tratores de rodas	30.343	16.112
Tratores de esteiras	858	957
Colheitadeiras	2.874	1.325
Total	34.075	18.394
Agroquímicos (em US$ mil)		
Inseticidas	180.439	209.777
Acaricidas	59.404	61.898
Fungicidas	152.606	167.796
Herbicidas	480.745	494.574
Outros	22.548	28.494
Total	873.194	934.045

Fontes: Anda, Anfavea e Sindag.

Fertilizantes

Os anos de 1993 e 1994 foram de recuperação do mercado de fertilizantes, em conseqüência da queda de seus preços reais. Em 1995 a tendência reverteu, como mostram os dados do período janeiro-setembro, que concentra cerca de 65% das aquisições anuais do



insumo. Na média dos anos 90, 10 lavouras absorveram 88% do uso total de fertilizantes da agricultura brasileira: algodão herbáceo, arroz, café, cana-de-açúcar, feijão, fumo, laranja, milho, soja e trigo. Em 1994 duas lavouras registraram significativo aumento no uso de adubos: o arroz (30%) e o feijão (42%). Para 1995 ainda não se dispõem de dados neste nível de detalhe, mas acredita-se que haja um significativo decréscimo do uso de insumos para essas mesmas lavouras.

Brasil — venda de máquinas agrícolas ao mercado interno (em unidades)

	Cultivadores motorizados	Tratores de rodas	Tratores de esteiras	Colheitadeiras
1985	3.139	41.243	1.600	5.775
1986	6.558	46.388	2.245	6.544
1987	3.593	39.802	2.010	5.747
1988	1.854	30.604	1.360	4.753
1989	2.617	26.955	1.493	3.942
1990	1.911	22.012	1.140	2.350
1991	1.983	13.896	589	1.718
1992	1.570	12.054	532	2.004
1993	1.096	21.885	908	2.735
1994	1.538	42.372	1.705	5.326
Jan. a set.1994	859	30.343	858	2.874
Jan. a set.1995	1.050	16.112	957	1.325

Fonte: Anfavea.

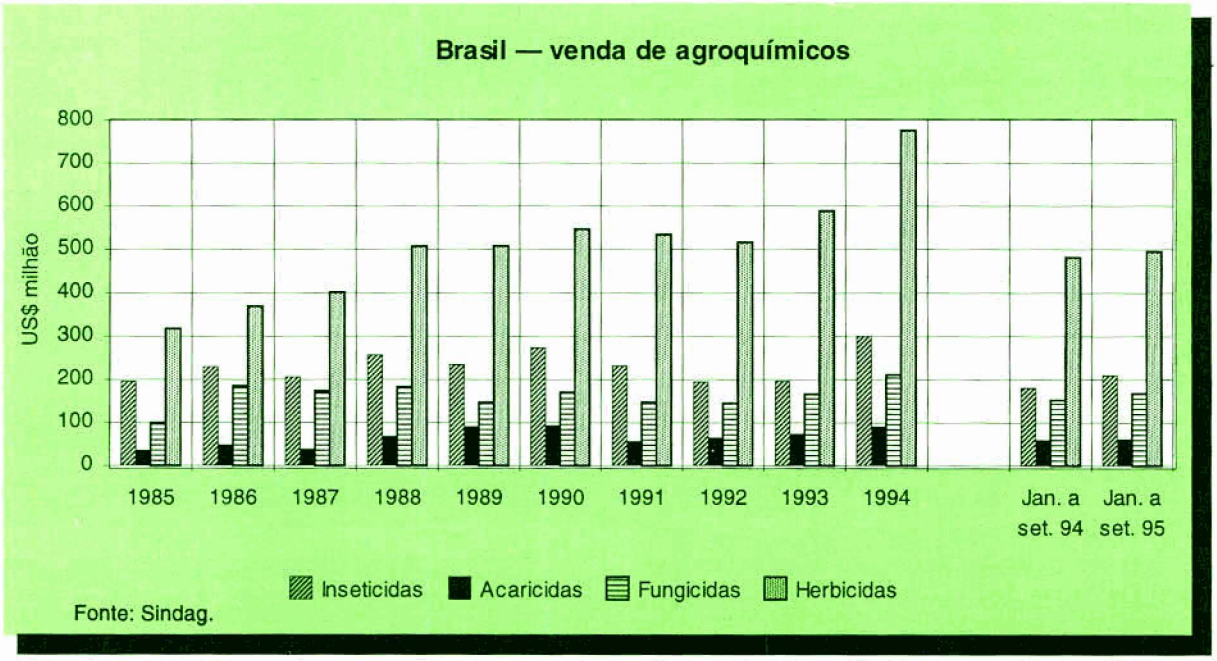
A maior redução nas entregas de fertilizantes, em termos de nutrientes, no período janeiro-setembro de 1995, refere-se ao fósforo (-18%), enquanto a do nitrogênio foi de apenas -2,6%. Regionalmente, a maior queda nas entregas de fertilizantes ocorreram no Norte/Nordeste (-44%), que em 1995 participou com 10% das entregas totais no país (15% no ano anterior). No Centro-Sul a queda foi de 13%.

Máquinas agrícolas

Depois de atingir o fundo do poço em 1992, as vendas de máquinas registraram recuperação em 1993 e 1994. Entretanto, como foi dito no início, as vendas de máquinas agrícolas no período janeiro/setembro de 1995 diminuíram 46% relativamente ao mesmo período do ano anterior. Isto em boa parte foi devido ao fechamento das operações do Finame rural, decorrente do impasse nas discussões sobre o financiamento das dívidas agrícolas no segundo trimestre do ano. O problema foi mais grave no caso das colheitadeiras, cujas vendas diminuíram 54%. Já os cultivadores motorizados registraram um aumento em suas vendas bastante significativo, 22%.

Medidas tomadas pelo governo, a partir de agosto, como as alterações no Finame rural (aumento nos prazos do financiamento e inclusão de máquinas usadas) e o lançamento do Proger, ainda não foram suficientes para reverter a situação.

O parque de máquinas em uso na agricultura ainda é bastante precário. Segundo dados da Anfavea, no Brasil há um trator para cada 89ha e uma colheitadeira para 730ha. A média mundial é de 51ha e 344ha, respectivamente.



Agroquímicos

O mercado de agroquímicos é extremamente complexo. Não só há inúmeros produtos à venda como uma renovação constante de princípios ativos dificulta as comparações temporais. Na impossibilidade de encontrar denominador comum, as estatísticas do segmento são dadas em valor das vendas. É preciso, portanto, ter cuidado com os números, uma vez que o aumento das vendas pode significar tanto um crescimento de quantidades quanto um crescimento de preços. Por outro lado, os incrementos de preços podem ser decorrentes da introdução de novas fórmulas com maior eficiência no combate às pragas e, desta forma, não provocar impacto no custo de seu uso.

As informações disponíveis para o período janeiro/setembro indicam um aumento nas vendas totais de agroquímicos de 7% em relação a igual período do ano anterior. O aumento maior se deu no caso dos "outros", isto é, do item que agrega antibrotantes, reguladores de crescimento e espalhantes adesivos. Outro item que registrou substancial crescimento é o dos inseticidas, 16%.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

ALGODÃO

Um cenário desalentador

A queda da área de algodão no país é reflexo da inexistência de uma política voltada para o setor. De grande exportador no passado, as projeções indicam que o país será um grande importador mundial de algodão na safra 1995/96.

O primeiro levantamento realizado pela Conab prevê uma redução na área plantada de algodão, no Centro-Sul, da ordem de 10% para a safra 1995/96. As projeções mais otimistas indicam uma queda na área plantada de apenas 3%. A conjunção de importantes fatores, no entanto, como preços baixos durante a comercialização da safra passada, elevados custos de produção e escassez de crédito, contribuem para o de-